

Como se já fôssemos livres

Étienne Andreaux

Co-organizador das Journées de Mauprévoir, fórum de trocas e debates

Resenha de:

GRAEBER, David. **Comme si nous étions déjà libres**. Montreal: Editions Lux, 2014.

Tradução Carolina Salomão



David Graeber é antropólogo e professor da London School of Economics. Graeber foi um dos incentivadores do movimento *Occupy Wall Street* (OWS), em 2011. Ele afirma ser um anarquista e estuda as falhas do capitalismo. Em sua bibliografia, três obras se destacam: *Dívida: os primeiros 5.000 anos* (2013), publicado no Brasil pela editora Três Estrelas em 2016; *Bullshit Jobs – empregos de merda* - (2018); *The Democracy Project* (2014).

Este livro é para o autor uma oportunidade de fazer o balanço do movimento *Occupy Wall Street*, mas também de propor uma reflexão mais ampla sobre democracia e movimentos revolucionários e a própria possibilidade de uma democracia nos Estados Unidos e no mundo, de modo geral.

Lembrem-se estávamos no final do verão de 2011, a crise econômica de 2008 e a recapitalização dos bancos ainda estavam presentes, Barack Obama era presidente e descobrimos essa outra América, essa que proclamava em alto e bom som que o capitalismo neoliberal não era a panacéia universal, que tínhamos que atacar a concentração de poder e riqueza, aquela com o slogan unificador "Somos os 99%".

***Occupy Wall Street* (OWS)** é um movimento pacífico de protesto que denuncia os abusos do capitalismo financeiro e o conluio entre o governo e as instituições financeiras, um sistema de corrupção institucionalizada, para garantir que um número cada vez maior de cidadãos afunde em dívidas.

O movimento começou em 17 de setembro de 2011 quando aproximadamente 1.000 pessoas se manifestaram na área de Wall Street. Alguns manifestantes ergueram barracas improvisadas no Zuccotti Park, "ocupando" o local numa espécie de protesto. Nas semanas seguintes, centenas de manifestantes viveram e dormiram no parque.

Muito ativo nas redes sociais, o movimento se inspirou na Primavera Árabe, especialmente nas revoluções tunisiana e egípcia, assim como pelo movimento dos Indignados na Espanha.

A partir de 9 de outubro, o movimento se espalhou pelos Estados Unidos e manifestações semelhantes foram realizadas em 70 grandes cidades. Em 15 de outubro, data escolhida para ser o primeiro dia de protesto por democracias reais do mundo, o movimento se espalhou por cerca de 1.500 cidades de 82 países

Em meados de novembro, na noite de 14 para 15 de novembro, os manifestantes foram expulsos do parque pela polícia de Nova York, que interditou o acampamento. No

entanto, apesar do fim da ocupação, o movimento continuou adotando táticas de pressão, com ações rápidas e direcionadas.

A primeira parte do livro é um testemunho do nascimento e organização progressiva do movimento. O autor se pergunta por que, desta vez, o movimento decolou (a convocação para ocupar instituições financeiras é tão antiga quanto os EUA, mas esta é a primeira vez que ela operou nessa escala).

A segunda parte é uma reflexão sobre o conceito de democracia. O termo "democracia" mudou radicalmente o seu significado na história. Hoje, refere-se à forma como as nossas sociedades estão organizadas politicamente, com base na eleição de pessoas de uma elite econômica e cultural.

Há alguns séculos, foi assimilada por essas mesmas elites a anarquia e a desordem, e referia-se às realidades da antiga democracia ateniense, ou seja, às assembleias populares e aos líderes revogáveis sorteados. A última parte busca dar aos ativistas ferramentas democráticas, como o consenso. Trata-se, nesse sentido, de uma espécie de guia prático.

Este movimento revolucionário, na visão do autor, baseia as suas esperanças no contágio (fala de contagionismo) de uma democracia direta que não é hierárquica, mas horizontal. Não reivindica uma reforma do capitalismo, mas sim o seu total desmantelamento.

A não-violência, explica ele, deve expor a violência inerente à ordem política, demonstrando como a "aplicação da lei" automaticamente usa a brutalidade para defender o *status quo*, mesmo diante de uma série de idealistas não-violentos.

David Graeber relembra algumas referências históricas na tentativa de compreender melhor a situação. O autor recorda que originalmente, a Constituição dos EUA não incluía uma Declaração de Direitos, por isso ela aparece na forma de emendas.

Na década de 1980, o Congresso eliminou as leis "usurárias", permitindo que qualquer empresa entrasse nas finanças, permitindo que tribunais e a polícia executassem empréstimos com taxas de juros anuais de até 300%, ou seja, taxas anteriormente impostas apenas pelo crime organizado.

Se a indústria automobilística americana entrou em colapso durante a crise de 2008, é porque a maior parte de seus lucros não advém da fabricação de automóveis, mas de seu financiamento.

Grande parte da renda dos cidadãos comuns alimenta um sistema predatório através de muitas taxas ocultas e multas. Todo o sistema foi concebido para nos encorajar a cometer erros porque é a própria base dos seus lucros comerciais.

O dólar dos EUA é essencialmente uma dívida pública em circulação, mais especificamente uma dívida de guerra. Os déficits dos EUA são quase exclusivamente atribuíveis aos gastos militares, que representam metade dos gastos federais. Os Acordos de Bretton Wood de 1944 tornaram possível a internacionalização desse sistema, instituindo os títulos do Tesouro americano, ou seja, a dívida de guerra, como base do sistema financeiro internacional. A Alemanha, seguida do Japão, da Coreia do Sul e dos Estados do Golfo, compraram enormes quantidades destes títulos e financiaram as bases americanas no seu território. Este sistema é semelhante ao do tributo imperial da época do Império Romano.

Embora os Estados Unidos ainda produzam máquinas agrícolas, tecnologia médica, tecnologia da informação e armas sofisticadas, seu setor de manufatura gera pouco lucro. A riqueza provém cada vez mais do sistema financeiro, ou seja, da força militar no estrangeiro e da coerção dentro do próprio país (tribunais e polícia para cobrar dívidas). Este sistema "mafia-capitalista", segundo o autor, não é sustentável a longo prazo.

As medidas extremamente severas impostas há muito tempo aos países do Terceiro Mundo, obrigando-os a reduzir os serviços públicos para redistribuir o saque para 1%, agora são estendidas para o resto do mundo (Grécia, Irlanda). O 1% não é apenas uma classe de privilegiados, refere-se ao poder de uma classe. O 1% são aqueles que dão mais dinheiro aos candidatos durante as campanhas eleitorais e colhem a maioria dos benefícios do crescimento econômico.

As elites políticas e econômicas americanas criaram um mundo onde é impossível criticar o capitalismo, sinônimo de liberdade, livre mercado, livre comércio e livre iniciativa. Os economistas são usados apenas para inventar razões cientificamente fundamentadas para justificar decisões já tomadas por políticos. Essa ideologia nos impede de considerar que pode haver outra coisa.

O governo dos EUA tem aplicado a tática usual para suprimir os movimentos democráticos: desacreditar a legitimidade moral criando intencionalmente a desordem pública, projetando uma imagem potencialmente violenta para assustar as classes médias.

O governo usou a brutalidade terrorista, através de ataques direcionados contra civis, para espalhar o terror para fins políticos, para mostrar que a participação no *Occupy* poderia levar a lesões físicas. O autor relata que a polícia infiltrou criminosos no movimento.

David Graeber opõe seus argumentos aos discursos "progressistas" (sob este termo devemos entender o Partido Democrata, incluindo sua ala de esquerda) que reprovam os movimentos radicais em geral por serem conduzidos por ideais fora de seu alcance. Supõe não fazer parte do sistema político (ou seja, não se candidatar a eleições) porque não é democrático, mas baseado na corrupção institucionalizada imposta pela força. A soberania popular dos Pais Fundadores é limitada à escolha de seus líderes entre uma elite.

David Graeber encontra um inconsciente democrático americano (a Liga das Seis Nações Iroquesas, o único modelo do qual os Pais Fundadores tinham experiência direta), enterrado sob imagens de selvageria e crime.

Ele admite que o termo democracia foi cunhado na Grécia, mas argumenta que o próprio conceito existe desde que os *Homo sapiens* começaram a se comunicar para desenvolver formas de resolver problemas coletivamente. A presença de assembleias democráticas pode ser observada em todas as épocas. Votar divide e só existe em comunidades que querem forçar seus membros a obedecer a uma decisão. A construção de um consenso é muito mais apropriada, uma vez que não obrigará uma minoria frustrada a cumprir uma decisão que rejeita.

Assim, em 1600, os Conselhos de Manutenção da Paz das Seis Nações Iroquesas funcionaram por consenso. Da mesma forma, marinheiros em navios piratas elegeram seu capitão, que poderia ser demitido a qualquer momento.

Há duas maneiras de contar a história da anarquia. Continuamos a associá-la sistematicamente ao caos. Mas é um princípio da sociedade humana onde as relações não são impostas sob a ameaça constante da força. Historicamente, as comunidades igualitárias foram formadas em rejeição a um sistema de dominação e sem exercer qualquer forma de poder. Opõe-se ao marxismo, que considera necessário aproveitar os poderes do Estado até que seus mecanismos se tornem supérfluos (cf. a noção de declínio do Estado). A anarquia exige "construir a nova sociedade na casca do velho", explorando a igualdade em todas as suas formas. Não se trata de imaginar que tipo de organização

surgiria se as pessoas fossem livres para resolver os problemas coletivamente, mas de criar as condições que o permitam.

Ao argumento de que o desaparecimento do Estado levaria ao caos, David Graeber responde com alguns exemplos, notadamente o movimento zapatista no México, e argumenta que, pelo contrário, é impor o respeito às leis pela coerção que infantiliza e gera comportamentos irracionais. Ele diz: "Trate as pessoas como adultos, tirando suas armas e advogados, e elas se comportarão como adultos".

O autor dedica um longo capítulo ao princípio do consenso, que é útil e necessário para estabelecer um processo democrático genuíno, enfatizando em particular a necessidade de uma descentralização radical para que funcione.

Ele recomenda a desobediência civil (em referência a Gandhi) e a ação direta, que refletem a obstinação em agir "como se já fôssemos livre", daí o título do livro.

Nenhum governo concede voluntariamente novas liberdades a quem governa. Elas são sempre conquistadas por aqueles que consideram seguir princípios que vão além da estrutura das leis e do respeito pelas autoridades em vigor.

Uma revolução é uma tomada de poder pelas forças populares que procuram transformar a natureza do sistema político, social e econômico de um país, geralmente seguindo o sonho visionário de uma sociedade igualitária. Todas as revoluções de 1789, 1848, 1917 e 1968 tornaram possível fazer progressos a nível global, enquanto a revolução russa de 1917 foi também global porque deu origem ao New Deal e aos Estados de bem-estar social na Europa. Em 1968, a revolução eclodiu em quase todo o mundo contra as burocracias estatais. O seu legado mais duradouro é provavelmente o nascimento do feminismo.

As tentativas atuais são uma rebelião contra a burocracia global a serviço do mercado (F.M.I., O.M.C., Banco Mundial,...). Os governos estão investindo muita energia no monitoramento e controle dessas reivindicações e na imposição da ideia de que não é possível qualquer mudança.

O medo dos movimentos sociais é tão grande que quase conseguiram impor a ideia de que nenhuma mudança é possível através da aniquilação dos sonhos e do constrangimento do desespero, no momento em que o sistema capitalista vacila.

Na última parte do livro, David Graeber menciona algumas propostas, mas deixa claro que a mudança deve ser decidida ao longo do caminho e não a partir de um

programa pré-estabelecido: - O autor denuncia aquilo que chama "o acordo produtivista", ou seja, o ideal puritano do trabalho como virtude em si mesmo, recompensado por um paraíso consumista. Ele argumenta que o trabalho é uma virtude quando é útil aos outros, desvinculado de qualquer noção de produtivismo.

- "O mais urgente seria reduzir o ritmo de produção", concentrando-se nas produções, nos serviços e, por conseguinte, nos empregos geradores de valor, o que também responderia à crise climática e permitiria o progresso social, principalmente em matéria de tempo de trabalho e de significado do trabalho.

- Para reduzir o tamanho e o controle do Estado, é necessário, desde já, diminuir a extensão das burocracias públicas e privadas, eliminando tarefas desnecessárias, superficiais e sem sentido.

- O comunismo é, de fato, a base de qualquer relação social amigável. Agimos como anarquistas sempre que nos entendemos sem ameaça ou força. Não se trata, portanto, de construir uma sociedade a partir do zero, mas de expandir áreas de liberdade na sociedade capitalista existente, até que a liberdade sirva como princípio de organização absoluta.

Graeber afirma que que já somos livres e que as revoluções de 2011 libertaram muitas pessoas das correntes que dificultam a imaginação coletiva. A democracia é simplesmente a nossa capacidade de nos unirmos como pessoas razoáveis e encontrarmos soluções para os nossos problemas comuns.

O autor acredita que devemos agir não na esperança de uma grande noite que mudaria o mundo, mas como se todos já tivessem plena liberdade. Segundo ele, os militantes do Occupy conseguiram libertar-se individualmente. Seu funcionamento sem hierarquia ou líder se baseia sobretudo na discussão

Este "horizontalismo", oposto ao verticalismo das organizações políticas tradicionais e dos sindicatos, coloca todos em pé de igualdade. Qualquer pessoa presente dispõe de direito de veto se considerar que uma proposta infringe um princípio partilhado pelo grupo. Essa busca de consenso pode levar muito tempo, mas demonstra como seria uma democracia real, onde o poder não seria confiscado. Esta deliberação é, portanto, um desafio à política tradicional.

A leitura deste texto resolutamente otimista, talvez utópico, é interessante porque David Graeber identifica questões importantes, particularmente sobre os processos

democráticos em geral. Espero que, pelo menos na república de agosto de Mauprévoir¹, atuemos "como se já fôssemos livres".

¹ O autor faz referência às às Jornadas de *Mauprévoi*, de 23 a 25 de agosto de 2019, onde essa resenha foi lida.